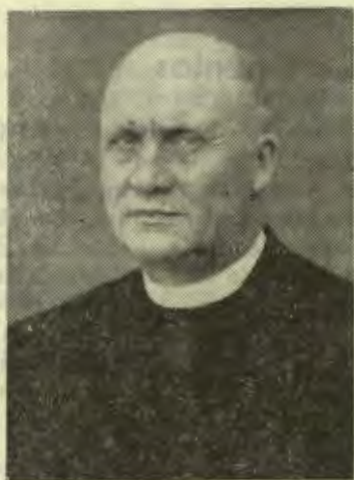


MONSENHOR

ADELINO PEDROSA

O dia 16 de Março p. p., ficará indelévelmente gravado na mente de todos os esposendenses que conheceram, de perto, Monsenhor Adelino Pedrosa, e, nesse dia, foram forçados pela morte a privar-se da sua feliz convivência terrena. A notícia que, nessa manhã pálida e triste, corria célere de boca em boca, ora subindo os prédios mais luxuosos, ora



descendo às habitações mais pobrezinhas, era esta: *fa-leceu o Senhor Arcipreste, morreu Monsenhor Pedrosa.*

Para perpétua memória de figura tão iminente, e como primeira e singelíssima homenagem, aqui vamos deixar os seus dados biográficos e uma leve referência à sua pessoa e à sua obra.

Dados Biográficos

Monsenhor Adelino Maria Lopes Pedrosa, nasceu em Rio Tinto, Esposende, aos 12 de Dezembro de 1881. Era filho de José Lopes Balazeiro e de Teresa de Jesus Pedrosa.

Depois de frequentar os Seminários Arquidiocesanos foi ordenado sacerdote por D. Manuel Baptista da Cunha aos 19 de Dezembro de 1904. Dois dias depois (21 de Dezembro) celebrou a Missa Nova no Santuário de N. Senhora do Sameiro, de quem sempre foi grande devoto.

Após ter servido como coadjutor na paróquia de Cristelo-Barcelos, trabalhou, com profundo mérito e reconhecido proveito, como professor e perfeito no Colégio de S. Tomás de Aquino, em Braga.

Em 19-8-1917 era nomeado, por D. Manuel Vieira de Matos, pároco da Vila de Esposende.

Em 22-11-1918 era nomeado arcipreste (sendo, parece, o segundo sacerdote a desempenhar estas funções, neste novo arciprestado).

Como homenagem e justo prémio das suas excelentes virtudes raras qualidades e relevantes serviços prestados à Santa Igreja fora nomeado Prelado Doméstico por documento pontifício de 11-12-1964.

Passara, serenamente, para as mãos do Sumo e Eterno Sacerdote, às 2,40 horas do dia 16-3-1970.

Uma Vida... Um exemplo

No limitado espaço deste Boletim não será possível referir, pormenorizadamente, nos seus múltiplos aspectos, toda a vida e toda a acção de Monsenhor Pedrosa. Para prémio de quem tanto trabalhou e para lição e exemplo de quem chega à vida, justo seria que tudo se referisse numa publicação condigna.

Monsenhor Pedrosa, foi, primeiro que tudo, um homem, no sentido pleno da palavra.

Dum trato social finíssimo e delicado, duma educação a toda a prova, duma lealdade sem confronto, duma dedicação pelos outros até ao sacrifício e ao desprendimento total, não é de estranhar que gerasse à sua volta um profundo respeito e uma terna e carinhosa admiração. Quantos se cruzassem na sua vida manteriam por ele as mais gratas recordações.

Era afável, acolhedor, pacificador, bondoso e compassivo.

Tal riqueza humana fora em Adelino M. L. Pedrosa sublimada pela graça do Sacerdócio. Dum cristão perfeito resultará um ministro do Senhor zeloso e santo.

O P.e Adelino Pedrosa fora um trabalhador incansável na evangelização e santificação das almas.

Orador eloquente (tendo feito na sua vida mais de 5.000 sermões e conferências), levou a acção da Pala-

(Continua na página 2)

MONSENHOR ADELINO PEDROSA

(Continuação da página 1)

vra do Senhor e o influxo do seu exemplo aos mais variados meios e terras do norte do país.

Quanto bem espalhou por toda a parte!

Mas é, sobretudo, como pároco desta vila e como arcepreste que ele se realiza

O fazer muito ou pouco, pode sofrer certa relatividade em atenção ao meio em que se trabalha. Ora Monsenhor Pedrosa fez tudo quanto era possível fazer-se em Esposende.

Entre as obras materiais que realizou salienta-se a construção da Residência Paroquial.

Porém a sua acção permanente e profunda foi sobretudo a recristianização do meio, o aumento da frequência aos sacramentos e práticas religiosas, a revitalização das associações de piedade ou caridade: Confraria do Santíssimo, Associação do Apostolado da Oração, Acção Católica, Conferências Vicentinas, etc. Todas estas obras revelam a alma virtuosa, o coração generoso e o zelo desmedido do venerando Pastor que durante 45 anos orientou os destinos espirituais desta Vila. Tudo nos fala de tão venerando sacerdote; em tudo vemos sinais bem vincados da sua acção prodigiosa, da sua inteligência fulgurante e esclarecida, da sua vontade firme e do seu coração bondoso e abnegado.

Foi uma luz que brilhou no nosso meio, e, cremos, que ao apagar-se na terra, se acenderá no Céu como estrela de primeira grandeza.

Como arcepreste a sua acção fora vastíssima. Aliando uma sábia prudência a uma caridade verdadeira resolveu todos os problemas (e teve-os bem difíceis) com o melhor proveito para o bem da Santa Igreja, edificação das almas e satisfação dos irmãos no Sacerdócio. Não admira, portanto, que todo o clero o venerasse, mórmente o deste arceprestado, que nutria pelo seu «Senhor Arcepreste» a mais profunda estima, admiração e amor.

Em face disto era lógico que o funeral de Monsenhor Pedrosa fosse uma grandiosa homenagem a tão ilustre sacerdote e uma consagração das suas virtudes. Ao lado de muitas centenas de fiéis, antigos paroquianos e amigos, viam-se cerca de cinquenta sacerdotes que participaram nos sufrágios fúnebres por sua alma.

Reconhecemos o sacrifício de Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz em dispor de tempo para tantos e tão espinhosos afazeres, mas quanto bem ficou e quanto lhe agradecemos, a sua visita no dia do falecimento e a sua presença em todas as cerimónias do funeral.

À semelhança do Divino Mestre, assim passara Monsenhor Pedrosa a espalhar o bem, a irradiar luz e calor nas almas, nos corações e nas vidas, a trabalhar por um mundo mais humano, mais cristão e mais divino.

O nosso muito obrigado!

Cremos que o Senhor da Vinha lhe terá dado o salário da bemaventurança donde continuará a velar por esta «sua terra», por este seu rebanho, que, prasa a Deus, a ele se vá juntar um dia.

P.e Baptista de Sousa

Movimento Religioso

EM MARÇO

Baptismos

Dia 1 — João Carlos Martins Ferreira, filho de João dos Santos Ferreira e de Armanda Alves Martins, residentes na rua Dr. Trigo de Negreiros,

Dia 7 — Isabel Cristina Cardoso Vasquinho, filha de Manuel Maria Ferreira Vasquinho e de Maria José Dias Cardoso Vasquinho, residentes na rua José Alpoim.

Dia 8 — Maria de Lurdes Martins Afonso, filha de Manuel Eiras Afonso e de Maria do Céu Eiras Martins, residente na Avenida 5 de Outubro.

Dia 15 — António Pedro Loureiro Ferreira, filho de António do Sacramento Ferreira e de Maria Emília Santamarinha Loureiro, residentes na rua António Abreu.

Dia 29 — José Pedro Barros de Sousa Ribeiro, filho de António Francisco Adam Soares de Sousa Ribeiro e de Maria Fernanda Ribeiro Pereira de Barros de Sousa Ribeiro.

Casamentos

Dia 19 — Fernando António Correia Quelhas Lima, natural de S. Mamede de Infeste — Matosinhos, filho de Dr. António de Oliveira Quelhas Lima e de Maria José Martins Correia da Silva, com Maria da Graça Baptista Gomes Rodrigues, natural de Paranhos — Porto, filha de Francisco Brás Rodrigues e de Maria Emília Baptista Silva Gomes.

Dia 22 — José Figueiredo da Silva, de Esposende, filho de Ernesto Henrique da Silva e de Floriana de Figueiredo, com Ana Maria Madalena Fernandes, de Esposende, filha de José Dias Fernandes e de Maria Eugénia dos Santos Madalena,

Óbitos

Dia 10 — Maria da Natividade Gonçalves Marques, de 89 anos de idade, viúva de Bernardo Martins Carneiro, natural da freguesia de Marinhas e residente nesta vila.

Dia 16 — Monsenhor Adelino Maria Lopes Pedrosa, de 88 anos de idade, natural de Rio Tinto — Esposende e residente nesta vila.

Dia 21 — Maria Fernandes Ribeiro, de 71 anos de idade, viúva de José Radrigues Santamarinha, doméstica natural desta vila, onde era residente na Avenida 5 de Outubro.

FRASES

— Se amas a Igreja defende os Padres.

— No domingo do Bom Pastor (12 de Abril) reza por todos os Párocos e Pastores de almas e medita na sua Missão.

Os nossos Benfeitores

Pelo número anterior ofereceram:

2\$00 - Rufino Viana, Bombeiros, Júlia Barbosa, anónimo, Manuel F. Vasquinho e Elisa Carneiro.

2\$50 - António Sacramento, Ondina Praia, Olívia Sousa, Samuel Santos, Orlando da Silva, Aires Maciel, Manuel G. Rites, Mário F. Casais, Manuel Cerqueira Nunes, Olímpia Viana, Albino Miranda, João Patrão, Manuel da Silva Pinto, Quitéria Barros, Maria Neto Sacramento, Celestina Zão, Abílio Menina, Maria Helena Gonçalves, Maria de Fátima Pais, José Varandas, Dr. Regado, sr. Miranda, Garcia Domingues, João V. B. Neto, José Alberto Sousa, Júlia Monteiro, Manuel M. Ferreira, Elvira Magalhães Faria, Álvaro Amâncio, Manuel N. Quinta, Idalina Marques, António Gomes, Carlos L. Maciel, Eduardo Viana, Madalena Gaspar, Belemino A. Ilá, sr. Marques.

5\$00 - Dr. Belchior, Matias Costa, António Pilar, António Alves Júnior, António S. Ferreira, anónimo, Manuel Ferreira Cruz, António C. Zão.

Sem tempo determinado ofereceram,

20\$00 - Fernando dos Anjos Cardoso (Sintra).

25\$00 - António M. S. Portela.

50\$00 - Manuel Costa Lima (Argentina) e Ema Dias de Carvalho (Portel - Alentejo).

500\$00 - Anónimo.

O PADRE, enigma para muitos e bode expiatório para outros...

(Continuação da página 4)

nia entre os homens desavindos, testemunho do mistério que os outros homens espreitam com olhos inquietos, mas ignorantes.

Está ligado à sua Cruz, por braços bem apertados, mas a sua Cruz «não está ligada a coisa nenhuma», segundo expressão de Claudel. Voga solitário, perdido na solidão do oceano. Eis o grande drama da vida oculta do padre. Sim, porque o padre é sempre o grande solitário, quer seja o presbítero de Carteia, de Herculano, quer seja o cura de Ambricourt, de Bernanos. Vive colocado acima dos homens e abaixo do céu e os homens não chegam a compreendê-lo. O padre não é um homem como os outros. Para o comum dos mortais é um «incompreensível». É o solitário que se não ama porque se não conhece e a quem até muitas vezes se odeia, porque essa sotaina negra e agourenta é o remorso vivo do erro e do pecado em que tantos vegetam. Sim, porque ele deixou tudo aquilo que nos traz colados, terrivelmente colados à terra e voga «preso à cruz que não está presa a coisa nenhuma», num mar solitário que os homens desconhecem e não querem adivinhar. O padre deixou todos os amores pequenos para só escolher um Amor grande, o Amor de Deus.

P.e Alexandrino Brochado

ESCUTISMO

Pela Ordem de Serviço Nacional n.º 292 foi filiado no C. N. E., o nosso Agrupamento que recebeu o número CCCI e tem como Patrono Santa Maria dos Anjos.

Fazem parte deste Agrupamento a Alcateia n.º 63, S. Francisco de Assis, e o Grupo n.º 63, Beato Nuno, que também agora foram filiados.

A Instrutora da Alcateia, àquela professora Ernestina Costa, representou este Agrupamento no Conselho Juvenil, realizado em Braga no dia 22 de Março p. p.

A promessa de novos filiados está prevista para 24 de Maio p. f.

SEMANA SANTA

Decorreram com grande brilho as cerimónias da última Semana Santa, realizada nesta Vila.

A afluência de fiéis foi extraordinária, sobretudo na procissão de velas e na Via-Sacra da 4.ª-feira, na Missa da 5.ª-feira, nas procissões de 5.ª e 6.ª-feira e na Vigília Pascal.

Nas cerimónias da Vigília Pascal as três naves da nossa Igreja Matriz tornaram-se pequenas para conter uma multidão compacta de fiéis desta Vila, de Marinhas, Palmeira, Gandra e outras freguesias.

Assim, vale a pena fazer todos os sacrifícios para que ainda seja melhor no próximo ano. Vamos trabalhar para isso.

O Grupo Coral do Prof. César Morais, do Porto, cumpriu impecavelmente, e queremos frisar a brilhantíssima actuação na Missa cantada da 5.ª-feira, à tarde.

O Grupo dos Bombeiros Voluntários, desta Vila, que tomou a seu cargo os cânticos da Vigília Pascal, merece também os mais rasgados elogios.

Os quatro sermões estiveram a cargo do Sr. Padre Carlos Duarte, do Porto, que a todos deixou a melhor impressão.

A Visita Pascal (não acreditem nos boatos de que vai acabar) decorrerá duma maneira brilhantíssima no que se refere a piedade, respeito, ordem e alegria.

Parabéns a todos e o nosso muito obrtgado.

REUNIÕES DE JOVENS

Foi um verdadeiro sucesso as reuniões de jovens como preparação para a comunhão pascal.

Os conferentes agradaram muitíssimo, bastando dizer, como prova, que a assistência foi de cerca de duas centenas de jovens.

Nem tudo está perdido!

Formularam-se algumas resoluções para o futuro, que serão postas em prática.

NOVOS BOLETINS

Durante alguns meses, este nosso boletim fora *morgado*, neste arciprestado. Felizmente acabam de aparecer mais três irmãos.

Queremos felicitar o primeiro «Mais Alto», boletim interparoquial de Vila-Chã, Curvos e Palmeira.

Felicitemos também os dois restantes, «Voz de Forjães» e «Voz de Antas», que surgem com três páginas comuns.

Estão admiráveis na apresentação e na doutrina, e revelam um valor exrtaordinário de entre-ajuda e colaboração dos párocos vizinhos.

Oxalá consigam sempre sustentar o alto nível deste primeiro número.

Uma carta DE CONSCIÊNCIA

Para meditação e edificação dos nossos leitores, destes seus antigos paroquianos e de todos os amigos, vamos aqui deixar um extracto duma carta de consciência deixada por Monsenhor Pedrosa, como complemento do seu testamento e sua última vontade.

«...a) A Deus Nosso Senhor peço humildemente perdão, por não ter servido e melhor cumprido os meus deveres, perdão para os meus pecados desde o uso da minha razão, segundo a grandeza da sua Misericórdia; b) à Santíssima Virgem Maria sob a invocação da sua Imaculada Conceição, em cuja oitava nasci e também de Santa Maria dos Anjos em cuja Igreja servi durante quarenta e cinco anos, ao Santo Anjo da minha guarda, à Sagrada Família e a todos os Santos e Santas, que por sua intercessão me alcancem a graça de bem viver o resto de meus dias e de bem morrer nos braços da Misericórdia do Senhor; c) aos meus Ex.mos Superiores e Ex.mos Colegas, principalmente os deste Arciprestado, de quem conservo gratíssimas recordações e de quem recebi tantas atenções, rogo me perdoem as minhas deficiências e me recomendem nas suas orações; aos meus antigos paroquianos peço me perdoem as minhas muitas faltas de zelo, de omissões, agravos e exemplos desidificantes, englobando também os fiéis de Gandra no meio de quem vivi algum tempo, enfim, a todos os deste Arciprestado de quem recebi tantas provas de imerecida estima; d) não tenho queixas nem ofensas de ninguém, porque se as tivesse a todos perdoaria do fundo da alma; e) aceito resignado a morte e amorosamente aquela que Nosso Senhor me destinam com todos os sofrimentos e dores em desconto de todos os meus pecados e por umas intenções que levo comigo; f) é minha vontade que meu funeral seja modesto, sem coroas ou flores, mas antes orações dos que foram meus amigos e paroquianos...»

Depois de realçar a dedicação, carinho e amor de sua sobrinha e afilhada D. Maria da Glória e marido fala de sufrágios.

«Se possível (peço) umas 25 Missas conforme as intenções que tenho e que Nosso Senhor sabe quais são, como pelos meus pais, irmãos, tios, minhas obrigações, os meus antigos paroquianos vivos e falecidos, colegas também vivos e falecidos e pelos que se lembrarem de mim.»

Ainda neste capítulo de sufrágios pede a sua sobrinha para, se for possível e algo sobrar após a sua morte, dar «alguma lembrança às Conferência dos Pobres de Esposende (homens e senhoras), ao Hospital e à Confraria do SS.mo Sacramento».

Informo que esta última parte fora imediatamente cumprida.

Assim fica registado mais este exemplo, que cada qual comentará na sua consciência.

O PADRE

enigma para muitos
e bode expiatório para outros...

Um liberalismo maçónico servido por valores literários de excepcional craveira, penetrou nas nossas camadas sociais até à medula dos ossos e colocou no proscénio da vida a figura do padre coberto de grotesco e de ridículo.

Assim procederam os escritores do século passado, que viram o padre apenas pelo lado exterior, deixando-se impressionar pelo aspecto periférico da vida sacerdotal, tantas vezes maculada pelas misérias próprias da natureza humana, pois que o carácter sacerdotal não destrói as deficiências do homem como tal.

Terrivelmente nefastos os efeitos duma literatura deletéria e profundamente anti-clerical em que o padre foi o bode expiatório e como que constituiu o «leit-motiv» de muitas obras literárias.

Assim se criou um clima de anti-clericalismo larvado, que quase constituiu uma constante da nossa vida literária e social.

Durante muito tempo foi preciso ser herói para ser padre. É assim que Paul Claudel no começo do seu grandioso drama «Le Soulier de Satin» entreabre-nos o proscénio sobre esta cena simultaneamente sublime e trágica: «no meio das ondas, voga um navio desmantelado; preso ao mastro grande, um padre extremamente alto e magro. A sotaina rasgada deixa ver uma espádua nua. E diz entre outras coisas: É verdade que estou ligado à cruz, mas a cruz onde eu estou não está ligada a coisa nenhuma. Flutua sozinho sobre o mar».

Os escritores românticos só viram o padre por instinto, pela rama, legando-nos um padre extremamente pobre, os modernos como Bernanos, Graham Greene, Cesbron, etc., foram até às juntas da alma e do espírito e deixaram-nos um padre bem maior, de dimensões novas e certamente mais próximas da verdade. É que o padre, o autêntico padre, é um verdadeiro «expropriado por utilidade pública», dentro do qual cabe um vasto programa de insuspeitadas abnegações.

Jacques Leclercq diz: o padre tem de prestar serviços a toda a gente sem procurar reter ninguém, ser homem de Deus a quem se procura quando se tem necessidade de Deus, que é a parte que lhe coube em herança.

O sacrifício prossegue e renova-se durante toda a vida. Quando os seus companheiros de infância e juventude envelhecem e se vêem rodeados de netos, o consagrado permanece na solidão e quando já não pode ser útil a ninguém por todos é esquecido.

É justo que os homens o esqueçam, já que não foi entre os homens que ele ergueu a sua tenda!»

Nunca ninguém sabe nem pode saber a formidável aventura que nos espera. O padre é por definição o testemunho vivo do mistério, é testemunho de uma outra vida, de realidades transcendentais, divinas, testemunho de Deus vivo, entre nós, testemunho do perdão e do amor que pode lançar a paz e a harmo-

(Continua na 3.ª página)